

DESPERTANDO O MONSTRO: HISPANISMO NA COMEMORAÇÃO DO I CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA NA COLÔMBIA

Gerson Galo Ledezma Meneses

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, UNILA

RESUMO

No final do século XIX a Espanha sofre derrota frente aos Estados Unidos. Por outro lado, América Latina sente-se continuamente invadida por este país em sua passagem pelo Caribe e Panamá, rumo à Ásia. Assim, o país ibérico e as elites dos países latino-americanos, uniram-se contra o país do Norte por meio da Cultura Ibérica: religião católica, língua espanhola e outros ingredientes da Raça Ibérica pregados pela Espanha. Frente ao mundo anglo-saxônico do inimigo comum havia que antepor o mundo hispânico. Apresentamos, neste trabalho, o discurso das elites de Bogotá, na comemoração do I Centenário da Independência, em aberta aliança com Espanha decadente. As elites colombianas perseguiram também o reconhecimento como civilizadas no mundo europeu e estadunidense por meio da cultura espanhola da qual elas acreditavam fazerem parte.

Palavras-chave: hispanismo, Primeiro Centenário da Independência, Bogotá.

ABSTRACT

At the end of the XIX century, Spain suffered a defeat from the United States. On the other hand, Latin America feels invaded by this country continuously, since the Caribbean, Panama to Asia. In this way, the Iberian country and the Latin America countries elite, they joined against the North Country by mean of the Iberian Culture: catholic religion, spanish language and other ingredients of the Iberian race preached by Spain. Opposite to the Anglo-Sajon world of the common enemy, it was necessary to place the Hispanic world. We present in this work, the discourse of the Bogota elites in the first Centenary commemoration of the independence, in the opened alliance with the decadent Spain. The Colombian elites were chasing the recognition as civilized of European and American world by means of the Spanish culture, which they did think to do part.

Key words: Hispanicism, The Independence First Centenary, Bogota.

INTRODUÇÃO

Durante e depois das guerras pela Independência, as elites liberais das ex-colônias espanholas negaram a identidade hispânica; a Coroa foi culpada por todos os males políticos, econômicos e sociais, pela destruição das comunidades indígenas, pela prática escravocrata e a discriminação contra os *criollos*¹. Depois da Independência, a tarefa de reconstrução, não apenas política e econômica, mas identitária, foi difícil. A busca por um nome para o continente esteve no centro das preocupações: Índias, como a Coroa havia denominado sua

¹KONIG, Hans-Joachim. **En el camino hacia la nación. Nacionalismo en el proceso de formación del Estado y de la Nación de la Nueva Granada, 1750 a 1856.** Bogotá: Banco de la República, 1994.

colônia², estava fora das possibilidades; América podia ser a melhor alternativa, pois desde as lutas pela emancipação era um nome reconhecido pelos *criollos* insurgentes; também Colômbia, como nome para o continente, nunca esteve fora das cogitações até bem entrado o século XIX³.

Maria Ligia Prado afirma que: “Durante el siglo XIX, se alzaron innumerables voces que intentaron darle forma a una identidad nacional que determinase de forma homogénea las singularidades y originalidades de cada una de las naciones” onde “tal discurso pretendía borrar las diferencias, crear un modelo ideal de nación blanca y ‘civilizada’ y producir la ilusión de que todo mundo tenía lugar bajo el manto de la patria”. Las elites querían, así, marcar una profunda ruptura “entre, por un lado, los blancos civilizados y, por el otro, índios, negros y mestizos considerados bárbaros, resaltando los ingredientes raciales como componentes centrales de tal división”⁴. Concordamos com a autora, só que vários foram também os momentos em que resgatar a identidade baseada nas sociedades existentes antes da invasão espanhola, alimentou a ideia de uma América indígena; resgatar o asteca, o chibcha, o inca, o guarani foi desejado por vários setores que se perfilavam liberais em futuros países como Paraguai, Peru, Colômbia e México.

No México, na tentativa de criar um projeto de nação, “buscan en la tradición indigenista las bases de una cultura mexicana y reivindican lo propio en lo popular”⁵. Iturbide resgata o principal mito asteca e o coloca também nas insígnias pátrias. Em 1824 Cuatlicue é mais uma vez desenterrada e colocada em lugar visível como símbolo de identidade. No Peru, San Martín revive a imagem do Deus Inti na bandeira. Na República de Nova Granada, ou *Gran Colombia*, Simón Bolívar aparece abraçado com uma República Mulher Índia. Nomes chibchas foram mantidos ou atualizados depois da Independência para denominar diversas regiões e cidades como Bogotá, Cundinamarca, Cali, Popayán, Cauca, Tunja, Pasto, Boyacá, Cartagena, etc. Esse processo contrariava correntes conservadoras defensoras da causa realista, inimigas dos exércitos patriotas de Bolívar e San Martín.

² “Los españoles, por su parte, desde la primera equivocación colombina hasta el reconocimiento oficial de la Independencia en el siglo XIX no hablaron sino de las Indias”. PIETRI, Arturo Usler. *La creación del Nuevo Mundo*. México: FCE, 1992, p. 11.

³ GRANADOS, Aimer. Inventar una tradición: la difícil arquitectura de la nación durante la pósindependencia. In: GRANADOS, Aimer, CHIARAMONTE, José Carlos & MARICHAL, Carlos. *Crear la nación. Los nombres de los países de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2008, pp. 193-212.

⁴ PRADO COELHO, Maria Ligia. Identidades latinoamericanas. In: *Histori General de América Latina*, vol. 7 Los proyectos nacionales latinoamericanos: sus instrumentos y articulación (1870-1930). AYALA MORA, Enrique & POSADA CARBÓ, Eduardo (org.). EDICIONES UNESCO/EDITORIAL TROTTA, 2008, pp. 583-615.

⁵DURÁN, Rafael Barajas. Retratos de un siglo. Cómo ser un mexicano en el siglo XIX? In: FLORESCANO, Enrique. *Espejo Mexicano*. México: FCE, 2002, p. 129.

Desde o final do século XVIII trabalhos sobre as sociedades indígenas haviam pautado a incipiente identidade nacional em diversas regiões como Nova Espanha e Nova Granada⁶. Embora antes de 1810 Francisco José de Caldas havia descrito os indígenas como bárbaros e preguiçosos, durante as lutas pela independência, essa visão sofreu transformações: “el indio era hombre en México, en el Perú y en Cundinamarca; tenía artes, edificios, leyes, vivía en sociedad, conocía el arte de la guerra y conocía también su dignidad”⁷. Esta evocação ao indígena em favor da causa da Independência, diz Hans-Joachim König, percebe-se claramente no interesse dos *criollos* por abolir o tributo, privatizar as reservas indígenas e elevar, assim, o índio à categoria de homem livre.

Los criollos además se apropiaron de la historia de los indios a partir de la conquista, transfiriendo a su propia experiencia la explotación y el sometimiento padecidos por los indios (...) la identificación con la historia de los indígenas llegaba a tal punto que en muchos textos los criollos aparecían como los verdaderos sometidos (...) Esta equivalencia entre indígenas y criollos (...) despiertan la sospecha de que la comunidad de los americanos, es decir todos los nacidos en América, basada en un destino histórico común (...) constituía el criterio étnico para definir la nueva colectividad nacional suministrando el fundamento de legitimidad para un estado propio⁸

No Paraguai de França tenta-se marcar o território com o legado guarani da época colonial, projeto identitário que desafiou a modernidade, inclusive, até a Guerra da Tríplice Aliança. Em 1811, conforme reconhece Maria Lígia Prado, “iniciava-se, assim, o 'fechamento' do Paraguai ao exterior, que, na verdade, condizia muito apropriadamente com seu passado colonial”. Porém, finalmente, no meio de guerras entre liberais e conservadores, entre centralistas e federalistas e na *pugna* pela realização das fronteiras e a luta contra a Igreja, América independente consegue veicular-se pela construção dos estados nacionais na moldura estadunidense e europeia. Quando “el impacto de la Ilustración y el pensamiento racionalista adquiere enorme importancia en las nuevas definiciones”⁹ identitárias. Época na qual pensava-se

que los nuevos criterios científicos eran la única esperanza de traer ‘orden y progreso’ a las repúblicas emergentes. Así se constituyó un segundo polo de la cultura latinoamericana. Si el primero, indoibérico, estaba fuertemente influido por la religión y el racismo, el nuevo polo quería incorporar las nuevas ideas europeas de la razón y del liberalismo¹⁰

⁶Para o caso mexicano: CLAVIJERO, Francisco Javier. *Historia antigua de México*, 1780-1781; para Nova Granada ver: SALAZAR, José María. *Memoria descriptiva del país de Santafé de Bogotá*, 1809.

⁷CALDAS, Francisco José. Citado por KONIG, Hans-Joachim. *En el camino hacia la nación. Nacionalismo en el proceso de formación del Estado y de la Nación de la Nueva Granada, 1750 a 1856*. Bogotá: Banco de la República, 1994, p. 238.

⁸KONIG, Hans-Joachim, ob. cit., pp. 239-243.

⁹LARRAÍN IBÁÑEZ, Jorge. *Modernidad, razón e identidad en América Latina*. Santiago: Andrés Bello, 1996, p. 130.

¹⁰Idem., p. 145.

Desta forma, os liberais abandonam a pretensão de se identificarem com a América “pré-colombiana”; desamortizam a terra da Igreja e de centenas de comunidades indígenas, e se preparam para o advento de uma nova identidade cultural: ser latino-americanos. Isto acontece na segunda metade do século XIX, na década de 1860, quando a França de Napoleão III dispõe-se invadir o México. O deputado francês Michel Chevalier, um dos mais cercanos colaboradores de Napoleão III, acunhou essa denominação¹¹; expressão oportuna para as elites do continente, em aberta briga com a antiga mãe pátria, quem se negou, em alguns casos, até final do século XIX, reconhecer a independência de vários países¹²; a nova identidade permitia marcar a diferença com os Estados Unidos e, ao mesmo tempo, evitar a conotação peninsular do ser hispano-americano, tal como Espanha e seus intelectuais queriam denominar suas ex-colônias.

As elites, desde cidade do México até as portenhas e cariocas, apressaram-se a adotar o novo nome, cruzar o Atlântico com destino a Paris virou o sonho de todas elas; aprender o francês e imitar sua arquitetura significava estar perto da cultura que, até o final do século XIX, identificaria a maioria das elites, agora, latino-americanas. A Espanha havia passado para um terceiro plano; empenhada em deslegitimar as independências de suas antigas colônias e na tentativa de ocupar territorialmente a América Latina, na sua fracassada guerra contra o Peru em 1864¹³, havia-se relegado a sua Península Ibérica. Porém, aproveitaria a comemoração do IV Centenário da “Descoberta” da América, para tentar se aproximar dos seus antigos filhos; dentre estes, as elites colombianas estiveram dispostas a celebrar, viajando

¹¹Leslie Bethell, afirma que: “tem sido consenso geral há algumas décadas - desde a publicação em 1968 do influente ensaio de John Leddy Phelan intitulado Pan-Latinism, French Intervention in Mexico (1861-7) and the Genesis of the Idea of Latin America - que o conceito "América Latina" é de origem francesa. A expressão "Amérique latine" era utilizada pelos intelectuais franceses para justificar o imperialismo francês no México sob domínio de Napoleão III. Os franceses argumentavam que existia uma afinidade cultural e linguística, uma unidade entre os povos "latinos", e que a França seria sua inspiração e líder natural (e seu defensor contra a influência e dominação anglo-saxã, principalmente a norte-americana). O conceito de "race latine", que é diferente do "race" anglo-saxão, foi primeiro concebido em *Lettres sur l'Amérique du Nord* (2 vols., Paris, 1836) escrito por Michel Chevalier (1806-1879) (...) Mas, a primeira vez que foi usada a expressão "Amérique latine", de acordo com Phelan, foi em um artigo de L. M. Tisserand intitulado Situation de la latinité, publicado em janeiro de 1861 na *Revue des Races Latines* (...) Na verdade, alguns anos antes, alguns escritores e intelectuais hispano-americanos, muitos deles residentes em Paris (e Madri), utilizavam não só a expressão "la raza latina" - como fez, por exemplo, o poeta dominicano Francisco Muñoz del Monte (1800-65) nos ensaios publicados em Madri para os periódicos *Revista Española de Ambos Mundos* (1853) e *La América: Crónica Hispano-Americana* (1857) -, como também a expressão "América Latina". Existem três grandes candidatas ao primeiro uso do termo "América Latina": José María Torres Caicedo, jornalista, poeta e crítico colombiano nascido em 1830 em Bogotá e falecido em 1889 em Paris; Francisco Bilbao, intelectual socialista chileno (1823-1865), e Justo Arosemena, jurista, político, sociólogo e diplomata colombo-panamenho (1817-1896). In: Estudos Históricos, vol. 22 número 44, RiodeJaneiro, Jul/Dec, 2009. Disponível in: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21862009000200001 Ver também: Origen y significado de la palabra América Latina. In: El Blog del idioma español: http://blogidesp.blogspot.com/2011/01/origen-y-significado-de-la-palabra_4433.html Consulta em 02/08/2011.

¹²Sobre esse processo ver: HEREDIA, Edmundo.

¹³Idem.

a terras da antiga mãe pátria, levando um presente de ouro legítimo, uma obra de arte chibcha, daquelas que haviam conseguido se salvar do saqueio de quatrocentos anos atrás.

Depois da Guerra de Secessão, os Estados Unidos obtiveram seu próximo objetivo em disputa contra Espanha: Cuba, Porto Rico, Filipinas, dentre outros territórios que ainda conservava o país ibérico; peças chave na política imperialista do país do Norte na sua passagem para terras asiáticas, onde competiria com os japoneses e sua doutrina “Ásia para os asiáticos”. A independência do Panamá tornou-se primordial para tais fins. Bogotá foi humilhada depois da última guerra civil, conhecida como de *Los Mil Días*. Arruinados economicamente e derrotados politicamente, tanto liberais como conservadores, não conseguiram enfrentar os Estados Unidos; estes colaboraram para o desmembramento do país. O Panamá obteve sua independência e o canal inter-oceânico foi inaugurado em 1914.

A derrota frente aos Estados Unidos valeu para Espanha estreitar relações com suas ex-colônias para juntas resgatarem suas antigas raízes: língua hispânica e religião católica, enfrentar o inimigo comum: os Estados Unidos, anglo-falante e protestante. O medo das elites latino-americanas perante esse país coincidiu com a derrota espanhola. Os intelectuais ibéricos, afirma Helwar Hernando Figueroa Salamanca, depois de 1898, denunciaram a “paralise da sociedade espanhola” com a finalidade de re-estabelecer a ordem espanhola imperial; interessados em exaltar o gênio espanhol frente ao progresso percebido como o oposto à tradição espanhola. Dessa maneira, pretendiam dirigir moralmente a nação para sair do ostracismo. O principal argumento utilizado por esses intelectuais para recuperar o posto que supostamente lhe correspondia a Espanha, dentro do espaço das potências, era lembrar o passado imperial e escrever com nostalgia sobre ele. Assim, língua, religião e um passado compartilhado durante mais de 300 anos, estavam presentes em cada uma das ideias que tentavam mostrar a Espanha como a mãe que não escondia a dor e orgulho perante um filho que se mostra distante, mas que não podia ocultar seus vínculos filiais; “más aún para los españoles y latinoamericanos afectos al hispanismo, éste era fundamental para oponerse al dominio anglosajón”¹⁴

Desde meados do século XIX, diz Aimer Granados, mas especialmente no final dessa centúria, na Espanha, como também na América Latina, foi-se criando um movimento conhecido como o hispanismo, uma das ideias reitoras, de acordo com expressão da época, foi a de um “império espiritual” de Espanha em América.

¹⁴ FIGUEROA SALAMANCA, Helwar Hernando. El imperio espiritual español: lengua, raza y religión (1930-1942). In: Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura, número 34, 2007, pp. 165-206.

La idea del “imperio espiritual” o de la “patria espiritual”, se la debe entender en términos de la herencia cultural dejada por los españoles en América. Pero a la vez, y más importante aún, como una corriente de pensamiento a través de la cual la España de fines del siglo XIX, tras la debacle imperial de 1898, y ante el ascenso del panamericanismo, intentó reposicionarse en el ámbito latinoamericano¹⁵.

O nosso objetivo neste artigo é mostrar a forma como, aproveitando a comemoração do I Centenário da Independência, as elites colombianas uniram-se à antiga mãe pátria Espanha para juntas derrotarem seus medos e fabricarem as esperanças que lhes ajudaria a enfrentar o novo inimigo: os Estados Unidos e o pan-americanismo. Afirmamos que o hispanismo usado pela Espanha em comunhão com os vários países da América Latina, não apenas servia de arma cultural contra o projeto hegemônico estadunidense, mas como ponte de entrada das elites latino-americanas ao mundo civilizado europeu; única via para se sentirem fazendo parte do concerto das nações “avançadas”. Assim, as culturas indígenas, por exemplo, foram tidas como sinônimo de barbárie. Delas havia que ficar longe.

No discurso das elites de Bogotá são desprezadas; tratadas como elementos indesejáveis na construção da imagem civilizatória; negá-las significava aproximação ao mundo da conquista e da colonização ibérica, ponto no qual se focava o início da civilização. A situação beneficiava Espanha, esta pretendia, mais uma vez, agora desde o cultural, reconquistar a América. As críticas dos países europeus às elites latino-americanas, consideradas como incapazes de construir projetos de estados nacionais, persistiam na primeira década do século XX; foram adjetivadas como bárbaras por causas das inúmeras guerras civis que impediam o desenvolvimento material do continente e a formação da estrutura necessária para as práticas capitalistas; essas imagens ocasionavam insegurança e incerteza, medo de serem invadidos pelos países da Europa civilizada. Criticava-se o fato dessas elites não terem conseguido construir um mundo civilizado à imagem e semelhança da Europa. O hispanismo se apresentava, assim, como a única saída¹⁶.

¹⁵GRANADOS, Aimer. Hispanismos, nación y proyectos culturales: Colombia y México: 1886-1921. In: Memoria & Sociedad, vol 9, número 19, julio/diciembre de 2005, pp. 5-18. Un estudio de historia comparada

¹⁶ Desde o simbólico, Colômbia também recorreu à imagem da Grande Colômbia para sair das angústias e enfrentar os inimigos. Ver: LEDEZMA MENESES, Gerson. *Cem anos de solidão* na comemoração do Primeiro Centenário da Independência na Colômbia e em Cali. *Textos de História*, vol. 7, números 1 e 2/1999. VANEGAS CARRASCO, Carolina. Disputas simbólicas en la celebración del Centenario de la Independencia en Colombia, 1910. Ponencia presentada en la mesa “Representaciones de la Independencia”, línea Bicentenario: enfoques y problemas del XV Congreso Colombiano de Historia organizado por la Asociación Colombiana de Historiadores, realizado en Bogotá del 26 al 30 de julio de 2010. De la misma autora: Representaciones de la Independencia y la construcción de una “imagen nacional” en la celebración del Centenario en 1910. In: *Las historias de un grito. Doscientos años de ser colombianos. Exposición conmemorativa del Bicentenario 2010*. Bogotá: Ministerio de Cultura, Museo Nacional de Colombia, 2010, pp.104-129.

1. Exorcizando o medo na festa comemorativa em Bogotá.

Uma Independência que periga

Num texto redigido em Bruxelas, em abril de 1908, o jovem liberal Enrique Olaya Herrera¹⁷, futuro presidente da Colômbia (1930-1934), alertou o país acerca da crise gigantesca que o assolava quando apenas faltavam escassos dois anos para comemorar uma Independência que, segundo ele, estava em perigo. Na Comemoração do Centenário, o bronze consagraria os heróis; o mármore falaria das glórias do país; poetas e prosadores narrariam legendários combates. Porém, frente a tais monumentos apresentar-se-ia a obra inconclusa dos emancipadores; os mármores não eliminariam o fato doloroso das inferioridades humilhantes; prosas rotundas e versos harmoniosos não calariam a angústia. As exposições industriais e agrícolas constituíam um esforço louvável, mas elas serviriam para demonstrar como – salvo casos excepcionais – os colombianos lavravam a terra com o mesmo elementar arado de um século atrás.

Entretanto, o que estava realmente em perigo era a nacionalidade e a independência colombiana arduamente conquistada. Olaya Herrera preocupava-se com a imagem internacional do país. A opinião pública dos países europeus considerava que os colombianos tinham inteligência e moralidade inferiores, quando não negativas; o povo era visto como um agrupamento anárquico incapaz de compreender o direito, de praticar a liberdade e civilizar-se. Caso a soberania colombiana fosse submetida às decisões dos grandes do planeta, o país com certeza seria apagado do mapa político por sua incapacidade de se auto-governar.

Olaya Herrera assistira à Conferência da Haia e sabia que a opinião das potências a respeito dos países da América do Sul não era animadora. Criticava as políticas imperialistas dos países da Europa e dos Estados Unidos. A Doutrina Monroe, concebida como defesa perante o imperialismo do Velho Continente – os expansionismos hispânico, inglês ou germânico – era apenas uma ilusão. Os colombianos sabiam agora de onde provinha o perigo, a que raça pertenciam os inimigos e a que nome responderiam os problemas dominantes no “futuro; o século XX havia-se iniciado com o pacto Hay-Pauncefote que anulava o Tratado

¹⁷ “se nombró desde el 6 de marzo de 1910 a Enrique Olaya Herrera, representante de la prensa ante la Junta organizadora, ya que era redactor de la Gaceta Republicana, que para la época era considerada como: “el periódico que más interés le ha dado a la propaganda de la celebración del centenario”. ZAPATA VILLAMIL, María Isabel. La celebración del Centenario de la Independencia en la revista *El Centenario y El Gráfico*. Disponível in: http://apolo.uniatlantico.edu.co:8091/uniatlantico/hermesoft/portal/home_1/rec/arc_11982.pdf Consulta em 01/01/2012.

Clayton-Bulwer”, o primeiro passo para a perda do Panamá. Os alvos imperialistas da Europa eram outros, no extremo Oriente e em Marrocos, onde nações estavam sendo submetidas por meio de matanças e canhoneiros. A Inglaterra cuidava de não entrar em choque com os Estados Unidos no Sul da América. A Alemanha não estava interessada em defender os países da América, deixando aos Estados Unidos as decisões no Caribe e no Pacífico.

Crítico da política internacional, Olaya Herrera denunciou a tendência dos Estados Unidos na Conferência Internacional de Haia, que nunca se inclinara pelas soluções humanitárias e generosas. Em todas as situações, os delegados norte-americanos haviam-se aferrado aos preceitos da força e da violência. O avanço norte-americano no domínio político apresentava-se sob diferentes formas e ameaçava especialmente os países caribenhos e as zonas contíguas à zona do canal do Panamá. As nações do Sul encontravam-se a salvo por razões de ordem geográfica e pela estabilidade de seus governos que garantiam o progresso nacional. Tal era o caso da Argentina, do Brasil, do Chile, do Uruguai, e, inclusive, do Peru. Porém, a última página da conquista territorial do México por parte dos Estados Unidos ainda não fora escrita. As guerras civis haviam permitido ao governo norte-americano entrar em Cuba e São Domingos. Cuba, livre graças a tantos sacrifícios de seus filhos e que tão alto preço custara à Espanha, corria perigo.

As nações centro-americanas não haviam compreendido que suas rixas davam oportunidade ao colosso do Norte para intervir em seus territórios, com risco de anulação completa de sua independência e soberania. O Canal do Panamá era o grande elo da cadeia. Os Estados Unidos precisariam de outras zonas estratégicas no Atlântico e no Pacífico; neste sentido, Cartagena, Buenaventura ou as ilhas de Galápagos seriam os novos territórios atingidos; todos os países tropicais estavam na mira. A absorção se faria por meio de intervenções em nome de sentimentos humanitários como em Cuba, ou de altos interesses da civilização, como no Panamá; ou de meras conveniências como em São Domingos.

Frente à séria ameaça representada pelos Estados Unidos, Olaya Herrera fez um fervente chamado à união. Para conjurar o perigo, as nações hispano-americanas deveriam ter garantias fundadas em Tratados internacionais, numa organização política e financeira impecável, e num alto grau de progresso. No entanto, os recentes acordos internacionais pareciam-lhe ilusórios e ineficazes, todos os países da América hispânica encontravam-se em discórdia: passada a disputa pelas pendências fronteiriças entre Argentina e Chile, recrudescia a rivalidade entre o Brasil e a Argentina. Esta discórdia se evidenciara no Congresso

Panamericano de 1906 e na Conferência da Haia, em que o Brasil demonstrou sua má vontade em relação à Argentina, não aderindo sequer à Doutrina Drago. As chancelarias peruana e chilena não haviam finalizado sua disputa por Tacna e Arica. Os países da América Central não chegavam a acordo nenhum. Entre a Colômbia e a Venezuela ainda não estavam solucionadas as pendências limítrofes. Um pacto entre os países hispano-americanos, tal como propusera o Libertador, era impossível naquele momento.

Nestas circunstâncias, Olaya Herrera apelava à unidade interna dos países na busca constante do progresso e da civilização, demonstrando às potências sua capacidade de autodeterminação sem ajuda externa. Era contando consigo mesmas e não em alianças impossíveis que estas repúblicas escapariam do imperialismo anglo-americano. O amor à pátria daria a energia necessária à defesa da terra natal contra possíveis agressões, à consagração do direito, à prática da ordem; somente assim se garantiriam a independência e as sólidas bases do bem-estar.

Olaya Herrera pensava que os problemas nacionais seriam resolvidos pela elite, pelos estadistas da América, árbitros e senhores de todas as situações, porque a massa era quase indiferente, vivendo ainda na etapa infantil. A paz era a primeira das necessidades, a condição primordial de toda renascença. Os europeus consideravam os hispano-americanos selvagens e ineptos para a vida independente, por motivo do contínuo escândalo das guerras civis que, enquanto para os colombianos eram tragédias dignas de épicos cantos, na política mundial só figuravam como um reviver sanguinário de espíritos primitivos. Tantos fatos violentos na Colômbia e nas repúblicas vizinhas davam a impressão de que naqueles países a guerra civil era uma indústria nacional. Tudo o que se conseguia em um momento de paz, a revolta armada destruía, aniquilando a propriedade, segando vidas humanas e endurecendo os sentimentos, jogando fora a liberdade, preparando na promiscuidade dos quartéis os candidatos ao crime e os auxiliares técnicos das ditaduras. Urgia acabar com as guerras internas. O ódio e as energias guerreiras deviam servir na formação de gerações fortes, capazes de defender o país contra invasores de raça e língua diferentes. A meta era o progresso, um país desenvolvido seria capaz de estabelecer contato com os grandes do planeta; o progresso traria ampla liberdade, compreendida e praticada.

Olaya Herrera admirava o desenvolvimento dos países sul-americanos, citando-os a cada momento como exemplo. Países que canalizavam seus rios, que aperfeiçoavam suas vias de comunicação e seus mecanismos agrícolas e industriais adquiririam, pela virtude mesma

destes progressos, segurança interna e respeito internacional para sua existência soberana e independente. Do contrário, ocorreria a eliminação dos incapazes.

Resumiendo diremos que el esfuerzo de los países hispano-americanos, si quieren escapar a la dominación de los pueblos fuertes y voraces, debe encaminarse al aumento de la producción económica, a la educación popular racionalmente dirigida, e a la propaganda (...) de las instituciones libres. Todo ello sobre el fundamento incommovible de la paz (...) Si pueblos y partidos no deponen sus procedimientos belicosos y no entran por senda de orden y libertad que los haga colectividades respetables ya que no es posible hacerlas temidas, el siglo XX presenciara la desaparición de las Repúblicas Hispano-Americanas del trópico como entidades soberanas e independientes.¹⁸

O discurso de Enrique Olaya Herrera demonstra o conhecimento que a classe dirigente colombiana, da época do Centenário, possuía sobre a política internacional, sobre os movimentos das potências europeias, e mais precisamente acerca dos passos que diariamente davam os Estados Unidos. Sabiam das alianças e das rivalidades entre os países do Cone Sul, como da política internacional das nações andinas. Neste sentido, é importante anotar a aproximação entre a Colômbia e o Chile, – um dos escassos convidados a comemorar o Centenário da Independência – assim como a admiração pelo desenvolvimento econômico argentino e por sua política frente aos Estados Unidos, especialmente a Doutrina Drago¹⁹, contraposta à Doutrina Monroe.

O texto de Olaya Herrera explicitou o ressentimento contra os Estados Unidos, não apenas pela perda do Panamá, que golpeará profundamente a elite colombiana, como também pela dolorosa situação vivida pela Espanha frente aos Estados Unidos perdendo Cuba, Porto Rico e Filipinas. Frente aos Estados Unidos havia que demonstrar a existência de uma raça e de uma língua diferentes e, neste sentido, o hispanismo seria a arma usada contra a cultura protestante e anglo-saxônica do Norte. Mas também o hispanismo como prova contundente frente à Europa de que América Latina, chamada desde então de hispânica pela elite de Bogotá, poderia, por meio desse mecanismo, construir-se como civilizada. Assim, vencer os medos, exorcizar ameaças e conseguir respeito.

Para Olaya Herrera, os principais elementos na construção do nacionalismo eram o progresso e a civilização, e, neste ponto, seu discurso se aproximava daquele do presidente

¹⁸OLAYA HERRERA, Enrique. *Una Independencia que peligra*. Bogotá: s/e, 1908.

¹⁹Formulada por Luis María Drago em resposta à intervenção armada de potências européias, especialmente da Alemanha, contra a Venezuela em 1902. “En la República Argentina, así como en la mayoría de los Estados sudamericanos, los gobiernos pueden ser demandados ante sus propios tribunales sin necesidad de obtener su previo consentimiento (...) En este particular, estamos mucho más adelantados que los Estados Unidos, en donde no se permite demandar al gobierno ante sus propios tribunales.”, in: BELTRAN, Juan G. *La Argentinidad, sus orígenes y sus características*. Buenos Aires, s/e, 1919, pp. 236-246.

Rafael Reyes. Durante este governo, a cultura do café estava-se intensificando e atingindo vastas zonas do país. As vias de comunicação passavam a jogar papel primordial. A bonança cafeeira não chegaria a dar seus frutos durante o quinquênio, nem durante o governo de Ramón González Valencia, 1909-1910; porém, a partir de 1911 os milhares de pés de café plantados a partir de 1904 começariam a dar melhores esperanças à economia colombiana. Somente a análise do discurso de Rafael Reyes poderá confirmar se o ditador, como já era conhecido na época pelos seus adversários e hoje pela historiografia, também estaria relacionando o desenvolvimento da Colômbia com a próxima data comemorativa dos cem anos de Independência. Também para ele, as mudanças radicais deveriam ser implantadas pela elite e não pelas massas. Assim, frente ao novo inimigo externo, as elites colombianas não apelaram desta vez à categoria cidadania como síntese do projeto nacionalista, tal como na primeira metade do século XIX contra a Espanha e o sistema colonial. Os indígenas, agora, seriam totalmente desqualificados; os ‘outros’ eram considerados apenas como crianças, indiferentes aos problemas nacionais.

2. A Imagem da Mãe Pátria (Espanha) na construção do novo nacionalismo.

As comemorações do centenário da Independência colombiana começaram a 15 de julho de 1910 com uma homenagem do governo espanhol à Colômbia, na forma de uma coroa de bronze em honra do fundador de Bogotá, Gonzalo Jiménez de Quesada. Compareceram ao ato o presidente colombiano e seus ministros, o corpo diplomático, uma comissão da Assembleia Nacional e outras do Exército e de corporações científicas e literárias. O principal orador foi o padre Mateo Colón, que após enaltecer as glórias da Espanha discorreu sobre Gonzalo Jiménez de Quesada, que teria vindo de longe a semear a árvore da civilização naquele paraíso andino: “Aquel que fue el padre de Bogotá, la ciudad de los próceres, la ciudad de los literatos, la ciudad de los caballeros, no pudo ser, señores, un verdugo, ni un defraudador de bienes ajenos, ni un desalmado, ni un vulgar avariento”²⁰.

Inocencio Madero, membro do Conselho Municipal de Bogotá, salientou a importância dos laços de união entre Espanha e Colômbia, fazendo votos para que a fraternidade entre os dois países os tornasse fortes contra outros mais poderosos que os contemplavam com olhos de cobiça.²¹

²⁰Discurso do padre Colón, na homenagem da Espanha à Colômbia. Bogotá, 15 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 30.

²¹Discurso de Inocencio Madero, membro do Conselho Municipal de Bogotá, na homenagem da Espanha à Colômbia. Bogotá, 15 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910,*

Na inauguração do busto de Antonio Ricaurte, organizado pelo Gun Club, o orador Pedro Carlos Manrique, em nome dos doadores, expressou a confiança no triunfo da lei do progresso na Colômbia, tal como no resto do planeta; a Colômbia deveria ter um bom exército, único meio de salvaguardar a sua soberania e independência. Falava-se da criação de uma polícia internacional para enfrentar a desordem em países julgados indignos de participar do concerto das nações. Frente a isto, “No debemos tomar la actitud de rebaños de mansas ovejas, cuando se oye el rugir del león en todas direcciones. La nación armada significa la nación unida”²².

As Repúblicas que haviam nascido do mesmo sangue ibérico, ao amparo da cruz redentora, estavam chamadas a destinos muito altos, para viver uma vida duradoura e profunda, afirmou Gabriel Rosas, membro do Conselho Municipal de Bogotá, no discurso de recepção do busto de Ricaurte.²³ Ter nascido do mesmo sangue ibérico e poder viver uma vida duradoura e profunda significava então uma reconciliação entre antigos *criollos* e espanhóis. A Espanha, assim reconciliada com América Latina, permitia a esta estabelecer a ponte que a conectava com a Península Ibérica e permitia a suas elites cruzar o Atlântico com facilidade para fazer parte do mundo civilizado da Europa. A elite bogotana, tal como no discurso de Olaya Herrera, reafirmava a cada momento sua vocação hispano-americana, união abençoada pela “cruz redentora”. Cruz que redimia os incipientes estados nacionais latino-americanos e os lavava de seus males bárbaros.

Na sessão comemorativa organizada pela Academia Nacional de História, León Gómez, parafraseando o Libertador, alertava que se os colombianos perdessem aqueles momentos de patriótico entusiasmo com que comemoravam a Independência, esquecessem as grandes lições da história, em breve seriam encadeados como servos:

Ved hacia el Norte al águila que lleva en sus garras un jirón de bandera colombiana; vedla con las alas entreabiertas y la mirada amenazante, pronta a caer sobre su presa si la ve agonizar como hasta ahora en estériles luchas de partido y en sangrientas hecatombes fratricidas.

O presidente da Academia advertiu que a comemoração do Centenário não devia se limitar a honrar os heróis e evocar as glórias do passado, era necessário cumprir com o dever

op. cit., p. 33.

²² Discurso de Pedro Carlos Manrique, na inauguração do busto de Antonio Ricaurte, organizado pelo Gun Club. Bogotá 16 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 39.

²³ Discurso de Gabriel Rosas, membro do Conselho Municipal de Bogotá, no discurso de recepção do busto de Ricaurte. Bogotá, 16 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 40.

de assegurar as redensões do futuro. O Centenário deveria significar o primeiro passo para a construção de uma nova era. Rafael Uribe Uribe, orador designado pela Academia, analisou a importância do *Cabildo* na história ibérica e hispano-americana; dos cabildos havia surgido a Independência; convinha fortificar os municípios na construção da nacionalidade, da periferia para o centro. Era a hora de admitir os males da Colômbia, e contra estes havia dois remédios: a paciência e o patriotismo.²⁴

Assim, conscientes da derrota recente de ambos os países frente aos Estados Unidos, as elites bogotanas celebraram, no Centenário, a herança hispânica, a religião católica, a raça latina, a língua castelhana, as instituições políticas coloniais como o *Cabildo*. A 17 de julho o presidente da República inaugurou uma placa em memória de cinco governadores da época colonial, à direita do Capitólio e, na Praça de Bolívar, no local do antigo Palácio dos Vice-Reis, outra placa em honra de vários conquistadores e dos cientistas José Celestino Mutis e Francisco Moreno y Escandón.

Antonio Gómez Restrepo, membro da Comissão Nacional do Centenário, foi um dos oradores neste ato, que atestava o desejo dos colombianos de formar parte de uma grande confederação dos povos espanhóis. A independência não abriu um abismo entre o passado e o presente; era importante reconhecer a obra civilizatória dos governadores coloniais; a luta pela independência tivera um caráter de guerra civil. Por outro lado, longe estavam os indígenas, de quem os colombianos herdavam poucos costumes e algumas gotas de sangue; os muiscas, os panques e pijaos estavam afastados de tudo quanto formava a vida espiritual dos colombianos. As grandes figuras indígenas eram apenas vagas sombras, trágicas umas, confusas e pálidas as demais; “em contraste, quanta vida para o espírito e para os olhos tem a época colonial!”. Ela persistia e se prolongava em certos recantos de Bogotá onde pareciam passar ainda os ouvidores e outros funcionários nas carruagens dos vice-reis.

Também o vocabulário conservava frases especiais usadas apenas naquela época; persistiam ainda muitos costumes coloniais e todos desfrutavam da obra civilizatória de Venero de Leiva, de Solís e de Ezpeleta; Mutis seguia sendo o grande mestre e educador. Todos aqueles homens brilhavam como focos de civilização e eram altas glórias da Espanha. Diferentemente do período colonial, “El siglo XIX fue de amargas pruebas para los españoles de ambos mundos, que, movidos por furias infernales, se entregaron al bárbaro solaz de las

²⁴Discurso de Rafael Uribe Uribe, na Academia Nacional de História. Bogotá, 16 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, pp. 46-47.

guerras civiles”.

Já no século XX os colombianos brilhariam, na constelação hispânica, com a antiga metrópole como astro central. Hoje os colombianos viam com prazer o sucesso das colônias espanholas, como aquele primeiro grupo de bascos e asturianos que haviam dado origem ao vigoroso povo antioquenho; os andaluzes que haviam trazido à América a graça da língua e a alegria da vida; os catalães, modelo de sobriedade, de constância e de energia. Os imigrantes espanhóis na América não eram estrangeiros; a Espanha tinha um lar próprio em cada uma das nacionalidades que nasceram de seu seio²⁵.

Podemos analisar, pelo discurso anterior, a forma como a elite de Bogotá tenta criar a identidade nacional baseada no hispânico e não no nativo, no caso, as diferentes comunidades indígenas que habitavam o país quando a invasão espanhola. A diferença de elites mexicanas que em clima de Revolução tentaram resgatar o passado indígena como um dos eixos principais da identidade nacional, em Bogotá os povos indígenas foram rejeitados na configuração nacional. Muito mais as comunidades vivas que em 1910 faziam parte do cenário nacional. Estas, nos anos seguintes à comemoração do Centenário foram perseguidas cruelmente para submetê-las ao processo de castelhinização. Ser civilizado significava para as elites colombianas ser apenas hispânico; como forma de exorcizar o estado de barbárie mediante o qual eram conhecidas no âmbito internacional. A identidade ia se construindo por meio do discurso, uma América e uma Colômbia com uma idade de mais ou menos 400 anos. A idade de uma civilização que começava, para o caso colombiano, com a fundação de Bogotá pelo, para as elites, ilustre Gonzalo Jiménez de Quezada e toda a herança colonial que agora era resgatada para conformar a civilização da Comunidade Ibérica.

Justo Garrido y Cisneros, encarregado dos Negócios da Espanha, confirmou: os colombianos, ao invés de odiar a Espanha, estavam agora a prestar-lhe homenagens, lembravam-na como a uma mãe e reconheciam-na com orgulho.

Hoy Colombia, al celebrar su primer Centenario de su vida autónoma, ya no ve nubes cárdenas ni charcos de sangre: sólo descubre y aprecia actos de grandeza y de progreso en la colonia, precursores de los actos de progreso y de grandeza de Colombia llegada a su mayor edad: hoy Colombia, porque ama a la justicia, ama a España²⁶.

²⁵Discurso de Antonio Gómez Restrepo, subsecretário do Ministro de Relações Exteriores e membro da Comissão Nacional do Centenário, na homenagem da Colômbia à Espanha. Bogotá, 17 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, pp. 69-73.

²⁶Justo Garrido y Cisneros, encarregado dos Negócios da Espanha. In: *Idem*, pp. 73-74.

Ora, cem anos antes, em plena luta pela Independência e no esforço da construção de uma identidade americana, os patriotas haviam-se identificado aos indígenas, denunciando a violência da conquista e da colonização, adotando alegorias indígenas como símbolos, ora de luta, ora da escravidão. Agora, na comemoração do Centenário da Independência, a Espanha e o período colonial estavam sendo revalorizados para delimitar a civilização da barbárie. Agora, a memória da colônia civilizada devia ofuscar a barbárie do século XIX. Há cem anos, a Espanha havia sido caracterizada como o inimigo principal na construção do patriotismo; agora, ao despontar do século XX, tornava-se o árbitro nas pendências fronteiriças de suas ex-colônias, tal como entre a Colômbia e a Venezuela. A Espanha do Centenário era a mãe carinhosa que acariciava suas filhas.

Agora, o inimigo externo eram com certeza os Estados Unidos, o colosso do Norte. A reconciliação com a Espanha e com o período colonial deveria acabar com as disputas ideológicas entre liberais e conservadores. Na mesma operação, havia que esquecer o século XIX, com exceção da justa guerra pela independência e do projeto da Grande Colômbia. A Independência devia ser interpretada como a natural emancipação das filhas que haviam entrado na maioridade e despediram-se de sua mãe pátria, sem rancor, sem ressentimentos, para reencontrar-se na comemoração do Centenário. Já a Grande Colômbia era o sonho, a glória e o fracasso da figura mítica paterna.

Ainda no mesmo dia 17 de julho, o Colégio Maior de Nossa Senhora do Rosário comemorou o Centenário de maneira brilhante, com presença de todas as altas personalidades de Bogotá e outros convidados. Para Jenaro Jiménez, vice-reitor do Colégio, os heróis estavam presentes, sentia-os andando como sombras pelos corredores do Colégio, confundidos em doce consórcio com os vivos, numa conjugação de amor à pátria. O patriotismo era uma virtude divina, recomendado por Deus, inculcado por Jesus Cristo com exemplo e palavras; neste sentido, devia-se dar tudo pela pátria; o patriotismo, encarnado como exemplo eterno nos próceres da independência, ressurgia com as lembranças que deles se fazia, com admiração e imitação. Nestes momentos de comemoração, todos eram irmãos, defensores da mãe comum, em união e respeito:

Como departen los hijos que, venidos de diversas regiones a donde los había lanzado la fortuna, se congregan para celebrar, alrededor de la madre, las clásicas fiestas de familia; y olvidan accidentales contiendas e sólo tienen voces de benevolencia y de cariño, y los embriaga un pensamiento: el amor que los congrega; así nosotros sólo hallamos palabras de enhorabuena, se refleja en nuestro rostro la alegría y nos

domina el amor y el entusiasmo²⁷.

Entrava a jogar papel importante, nos novos caminhos do patriotismo, a representação da família reunida: mãe pátria unida com suas filhas, as antigas colônias, numa festa de fraternal harmonia. Assim, os heróis e a mãe pátria eram invocados pela classe alta de Bogotá para incentivar o amor à pátria que devia traduzir-se em reconciliação entre liberais e conservadores, e reconciliação do Estado com a Igreja Católica.

¡Qué hermoso es el día en que los hijos, venidos de distintas tierras, se congregan alrededor de la no olvidada mesa para celebrar el cumpleaños de la madre! Heridos acaso por desengaños y dolores, adornada la frente con las primeras canas, nacidas más que de los años de las luchas y amarguras de la vida, dejan a un lado la adquirida experiencia, sacrifican resentimientos entre hermanos, deponen la gravedad viril, y vuelven a ser niños y renuevan las inocentes burlas de la infancia, rodean a la matrona de blancos cabellos, bésanle la frente con religiosa veneración y la colman de agasajos y de obsequios²⁸

Um tema delicado era como tratar a execução capital dos heróis capturados pelos espanhóis. A 18 de julho se inaugurou um busto de Camilo Torres, oferecido pelo Jockey Club. A festa devia ser motivo para honrar, uma vez mais, a todos os heróis, símbolos da nacionalidade, de união. Porém, que havia sido feito do legado de Camilo Torres, perguntava Eduardo Posada, discursando em nome do Clube. Por acaso seus ensinamentos haviam caído em terreno estéril? A pátria colombiana, passados os dias de glória, havia vivido tempos de amargura, e fora vítima de terríveis paixões, de grandes injustiças, de inumeráveis extravios. “Durante un siglo hemos recorrido doloroso viacrucis, y de caída en caída fue llevado el país hasta el Gólgota donde se le mutiló en nombre de la inicua sentencia imperialista, de que la fuerza supera al derecho”.

Depois de sensibilizar os ouvintes com a denúncia dos Estados Unidos pela mutilação do país, Eduardo Posada passou descrever a morte de Camilo Torres:

El verdugo fue implacable. *Culpas fueron del tiempo y no de España*, decía Quintana al hablar de algunos horrores de la conquista. Podemos parodiar esta frase al recordar las crueldades de la Independencia, y decir: *culpas fueron del despotismo y no de la generosa nación española*, pues siempre el despotismo es uno mismo en todas las épocas y en todas las zonas. Sus mismos medios, sus mismos fines, así ha sido desde la alborada de la humanidad y así será hasta la consumación de los tiempos.²⁹

²⁷Discurso de Jenaro Gimenez, vicereitor do Colégio Nossa Senhora do Rosário. Bogotá, 17 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 78.

²⁸Discurso de Rafael Maria Carrasquilla, na Catedral de Bogotá, a 20 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 141.

²⁹Discurso de Eduardo Posada, na homenagem do Jockey Club a Camilo Torres. Bogotá, 18 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 123.

Assim, o patriotismo colombiano deveria voltar-se agora contra um despotismo genérico, intemporal, reconciliar-se com a Espanha, e enfrentar os Estados Unidos. Os atos comemorativos por parte da Espanha e retribuídos pelo governo colombiano na comemoração do Primeiro Centenário da Independência em 1910 tem sido interpretados por parte da historiografia colombiana como sendo uma proposta vigorosa do Partido Conservador, em aliança como a Igreja Católica, em homenagem à antiga Mãe Pátria, aliança que teria estado presente durante todo o período conhecido como a Hegemonia Conservadora, e que, em 1910, serviria de coesão nacional. Assim interpreta os fatos o historiador Álvaro Acevedo Tarazona:

La celebración española tuvo retribución de la contraparte colombiana en los actos realizados posteriormente, el 17 de julio, con la instalación en la Plaza de Bolívar de una placa conmemorativa en homenaje a conquistadores y personalidades ilustres del período anterior a la independencia como Rodrigo de Bastidas, Pedro de Heredia, José Celestino Mutis y Francisco Antonio Moreno y Escandón. En las celebraciones también se llevó a escena la memoria de la conquista y de la conformación de la Nueva Granada, y se rindió homenaje a los conquistadores y próceres de la independencia. Esta propuesta de valoración del hispanismo como elemento de cohesión nacional fue una iniciativa impulsada vigorosamente por el Partido Conservador colombiano a lo largo de su hegemonía en el poder (1886-1930), en asocio con la Iglesia católica que participó activamente en la conmemoración centenaria. Párrocos, obispos y arzobispos promovieron ennoblecer, por intermedio del santo ministerio de la Iglesia, las seculares fiestas para hacer más fecunda a la nación en frutos de moral y material progreso³⁰.

Acevedo Tarazona tem razão enquanto que o objetivo de aproximação à Espanha, por parte das elites de Bogotá, dentre outras, era a coesão nacional, porém esquece que se tratava de uma aliança das elites colombianas, sejam liberais ou conservadoras, com a Espanha, cujo propósito era, como já dizemos, fazer frente aos Estados Unidos, o inimigo comum dos países da América do Sul, especialmente do Chile e da Argentina, desde o ponto de vista da cultura hispânica. Lembremos mais uma vez que este foi vitorioso na guerra hispano-americana de 1898, avançava pelo Caribe e havia se aproximado da Colômbia, incentivando a separação do Panamá. Olaya Herrera havia alertado muito bem os colombianos ao perguntar aonde colocaria proximamente os pés o país do Norte?

3. A religião como base da unidade nacional

À meia noite os sinos da Catedral Metropolitana de Bogotá, seguidos por todos os sinos das demais igrejas da capital deram as boas-vindas ao dia 20 de julho; comemorou-se com uma salva de artilharia, com o canto do hino nacional pelo exército e pelo povo acompanhados de bandas militares, com o silvo das locomotivas e das fábricas, com os gritos

³⁰ ACEVEDO TARAZONA, Álvaro, El Primer Centenario de Colombia (20 de Julio de 1910). Unidad nacional, iconografías y retóricas de una conmemoración. In: revista *Credencial História*, edição 252, dezembro de 2010. Ver: <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/diciembre2010/centenario.htm> (consulta em 31/01/2011)

da multidão; calcula-se que nesse dia dobrou a população normal de Bogotá.

Ramón Gonzáles Valencia, Presidente da República, entrou na Praça de Bolívar a cavalo e deteve-se diante da estátua de Simón Bolívar. Obedecendo ao mais puro sentimento patriótico, os próceres haviam concebido a ideia da emancipação; esses mártires apareciam hoje frente a seus olhos como haviam sido na realidade: grandes em suas concepções, nobres em seus propósitos, sublimes em seus feitos.

¡Cómo parangonarlos con nosotros, que habremos de entregar mañana a las nuevas generaciones la heredad mermada, manchado y empequeñecido por nuestras manos el tesoro de gloria que de las suyas recibimos intacto y puro! ¿Y cómo comparar, sin que el dolor inunde nuestro espíritu, su labor benéfica con los frutos de nuestras locuras, su lucha generosa y fecunda con nuestras estériles y sangrientas agitaciones?

Os heróis haviam conduzido a feliz termo a magna empresa a que consagraram suas vidas, porque praticavam a abnegação e o desinteresse, o valor e a perseverança, inspirados no sentimento religioso, que comunicava fé às almas e fortaleza às vontades. O presidente propunha ao povo colombiano uma nova versão do comportamento de seus heróis maiores fazendo deles modelos das virtudes cristãs. O mesmo tema reapareceu em várias cerimônias eclesiásticas e nos encontros entre autoridades civis e religiosas. A unidade nacional seria alcançada numa pátria católica, apostólica e romana.

Mi más ferviente anhelo en esta solemníssima ocasión es que, en homenaje al Dios de las naciones, y como ofrenda la más digna a los Libertadores de Colombia, depongamos todo pensamiento innoble, toda sombra de rencor, a fin de que, confundidos todos en un solo sentimiento generoso y fraternal, quede para siempre fundada en nuestra patria la concordia de los corazones y la paz de la República.³¹

Aliança entre Estado e Igreja selada ao longo do século XX que nem a Constituição de 1991 que declara Colômbia um país laico, conseguiria apagar. Em pleno século XXI, ao finalizar o ano de 2011, o governo colombiano e suas Embaixadas, em diferentes países da América Latina, organizam *La Novena* para comemorar o nascimento de Cristo e, como faz a Embaixada da Colômbia em Brasília, envia convite a todos os colombianos residentes, não apenas em Brasília, para participar da festa.

Estimados miembros de la comunidad colombiana en Brasilia.
Mediante el presente mensaje queremos invitarlos muy especialmente a asistir con sus familias, a la novena de navidad que se celebrará en la sede de la Embajada el próximo viernes 16 de diciembre a las 7:00 P.M.³²

³¹Discurso do presidente da República da Colômbia, General Ramón González, frente à estátua de Simón Bolívar, na Praça do mesmo nome. Bogotá, 20 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 140.

³² De: CONSULADO EN BRASILIA (BRASIL <cbrasil@cancilleria.gov.co>Enviado: Martes, diciembre 13,

Na Assembleia Nacional

A sessão solene da Assembleia Nacional do dia 20 de julho aprovou, por unanimidade, a proposição dos deputados Nicolás Esguerra e Hernando Holguín y Caro: a Assembleia Nacional da Colômbia, ao comemorar o Centenário, dava graças a Deus onipotente pela existência e liberdade da República. O órgão lembrava com afeto e em primeiro lugar àqueles homens que com fé e admirável integridade haviam descoberto e povoado o país, trazendo os germes da civilização e do progresso, e que com sua inteligência e sabedoria prepararam novos homens para realizar a Independência, complemento providencial da obra do descobrimento e colonização:

La Asamblea nacional presenta, en nombre del pueblo de Colombia, tributo solemne de admiración, de gratitud y de respeto a la memoria de los fundadores de nuestra nacionalidad (...) La Asamblea Nacional (...) hace votos al Cielo por la reconciliación fraternal y perpetua de los colombianos en torno a la bandera nacional (...) por que sean cada día más firmes y sólidas las relaciones de la República con las naciones extranjeras, y especialmente con la nación española (...) La Asamblea nacional anhela principalmente la unión estrecha y cordial de los Estados que formaron la Gran Colombia³³.

Tal como nos discursos comemorativos do Primeiro Centenário da Independência do Brasil em 1922, os lugares de memória fundadores da nacionalidade encontravam-se no período colonial. Mas, enquanto no Brasil esses lugares estavam ligados às tentativas de independência, como o levante de Vila Rica, a Inconfidência Mineira, a Revolução Pernambucana de 1817, entre outros, na Colômbia, a memória da nacionalidade estava encarnada nos homens que fizeram a conquista, a colonização e a Independência, numa continuidade histórica que se interrompia apenas em 1830 com a morte do Libertador.

A colagem proposta pelas elites políticas e intelectuais tomava o período colonial como ponto de partida da nacionalidade, da civilização e do progresso e até mesmo do período das guerras da Independência que daria como bom fruto a construção da Grande Colômbia. Depois, negava o passado recente na tentativa de omitir a lembrança das guerras civis. Voltavam a desempenhar papéis primordiais a mãe pátria Espanha, a religião católica e a língua castelhana. Assim, o país conseguia conjurar os medos frente a os Estados Unidos e o pan-americanismo, mas também construía uma identidade de nação civilizada, tão civilizada como a Espanha e, por isso mesmo, como a Europa. Ninguém duvidava então que entre a

2011 7:38 P.M. Asunto: INVITACIÓN NOVENA. Brasília, D.F.

³³Proposição feita pelos Deputados Nicolás Esguerra e Hernando Holguín y Caro, na sessão solene da Assembleia Nacional, a 20 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, pp. 147-149.

Espanha e América Latina existia uma Comunidade Ibérica em total guerra contra a barbárie. Desta faziam parte as rixas entre conservadores e liberais, os índios tanto “pré-coloniais” como os atuais e as guerras civis fruto do enfrentamento entre os partidos tradicionais.

Na Governação e na Municipalidade

No mesmo dia, num ato comemorativo organizado pela Governação do Departamento de Cundinamarca, o governador José Ramón Lago evocou Antonio Nariño e Francisco José de Caldas, precursores da Independência, Deus e a fé religiosa. A classe política colombiana e o povo em geral honravam-se lembrando os próceres, e a melhor maneira de ser-lhes gratos era por meio do exemplo, imitando o sentimento puro, nobilíssimo e cristão que eles alimentavam. Uma só era a bandeira que os cobria e uma só deveria ser a aspiração na realização do grande anelo dos fundadores da pátria.³⁴

Na Prefeitura, em sessão solene extraordinária, leu-se a ata do Cabildo Aberto de 1810, da qual foram distribuídas cópias entre os presentes. O Conselho Municipal, depois de homenagear o fundador da Grande Colômbia, enviou cumprimentos de patriótica fraternidade às ilustres municipalidades de Caracas e de Quito, fazendo votos de que Deus consagrasse os vínculos de união e de concórdia que deveriam ligá-las para sempre. O “personero municipal” Francisco Giraldo, designado pelo Conselho, pronunciou um discurso de adesão explícita à Espanha. Certamente, à Espanha devia-se o que os colombianos haviam sido, eram e seriam. Sim! Independentes, porque descendiam da Espanha, e gozavam hoje de liberdade porque eram espanhóis. Precisamente o elemento ibérico fora a causa da independência, pela importância do *Cabildo* como entidade política de onde partiu a ideia da emancipação. Concluiu assim:

¡Oh raza española de viriles gallardías! Vuestra misma pujanza nos emancipa, vuestro espíritu mismo nos liberta. Vuestras glorias son nuestras glorias, vuestras tristezas las nuestras. Colombia pudo abjurar de vuestro nombre, pero conserva y conservará siempre vuestra sangre.³⁵

Finalmente, o prefeito de Bogotá, Javier Tobar, lembrou com orgulho que a esta cidade coubera a glória de iniciar o movimento glorioso da emancipação criadora da nacionalidade colombiana. Bogotano havia sido Antonio Nariño que levou até a Capitania da Venezuela as

³⁴Discurso de José Ramón Lago, governador de Cundinamarca, a 20 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 1149.

³⁵Discurso de Francisco Giraldo, *personero municipal*, na Prefeitura de Bogotá, a 20 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 151-153.

ideias de liberdade. Bogotanos eram muitos dos que haviam assinado a Ata da Independência. Bogotá fora a cidade preferida do Libertador, a capital da Grande Colômbia, berço e túmulo de muitos heróis. O discurso, carregado de regionalismo, concluía convidando à concórdia entre os colombianos.³⁶

No dia 20 de julho, por ordem do Ministério de Instrução Pública, houve sessão solene nas escolas. Leu-se a Ata da Independência de 1810 e colocaram-se retratos do Libertador, de Ricaurte e da Pola (Policarpa Salavarrieta). Destes estabelecimentos saíram as crianças para assistir à inauguração da estátua de Nariño. O Conselho Municipal ofereceu um almoço aos pobres.

4. A presença da Espanha na Academia de Jurisprudência

Na sessão solene organizada pela Academia de Jurisprudência para comemorar o Centenário a 21 de julho, compareceram o presidente da República, os ministros e o encarregado dos Negócios da Espanha. Manuel Fajardo, presidente da Academia, lembrou as homenagens feitas à Espanha e ao fundador de Bogotá; a Academia de História havia ressaltado o papel do *Cabildo* na Independência; a Academia da Língua ressaltara a importância de metade do continente falar a mesma língua herdada da mãe pátria;

Es decir, esos significativos actos han sido dedicados a consagrar la herencia que de la religión, del idioma y de la primera institución municipal recibimos de España. Tócanos hoy hacer presente que a la par de esos bienes recibimos también el de las leyes, que, como reunión de hombres, tuvieron que dar los españoles al plantar sus tiendas en estas comarcas y luego el echar los fundamentos de los corregimientos o municipios que iban criando³⁷.

O discurso do orador oficial da Academia de Jurisprudência, Ramón Gómez Cuéllar, possivelmente imprevisto, chocou-se frontalmente a todo este hispanismo daquele e de outros eventos. Os terríveis cataclismos da natureza e as devastadoras guerras de conquista não haviam deixado sombra alguma do idioma dos vencidos; os colombianos não sabiam da gênese dos homens primitivos do continente americano. Quantos séculos, antes da conquista espanhola, habitaram as tribos indígenas este hemisfério americano? Impossível o cálculo; porém, os grandes monumentos pré-colombianos eram testemunha do avançado grau de civilização e do grande número de habitantes que os conquistadores haviam encontrado. Esses

³⁶Discurso de Javier Tobar, prefeito de Bogotá, a 20 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, pp. 153-154.

³⁷Discurso de Manuel Maria Fajardo, presidente da Academia de Jurisprudência, na sessão solene comemorativa do Centenário. Bogotá, 21 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 191.

monumentos atestavam o grau de progresso alcançado por alguns povos como os Maias, os Chibchas e os Astecas. Por isto, “nosso mundo não pode chamar-se novo senão por um capricho da fantasia”.

Pouco se sabia das leis que regiam a vida destas tribos, não obstante, era conhecida a maneira como se governavam os Chibchas. Referiu-se à forma como os conquistadores chegaram àquela região e a forma como os índios ficaram aterrorizados ao vê-los. Infelizes aborígenes, para quem o relógio dos tempos, que marca os destinos humanos, havia decretado já a hora de seu aniquilamento! Razão tiveram de chorar sua sorte. Aterrados, deveriam ter olhado o aço das armas castelhanas com seus sinistros resplendores que em breve fariam brotar seu sangue a torrentes; os mastins despedaçariam suas carnes; os cavalos romperiam suas fileiras e os ginetes devastariam seu território, apoderando-se não apenas do ouro, cujo valor era compreendido só pelos caciques e pelas donzelas.

La historia de la conquista es una historia de sangre: no se puede leer sin angustia los dolorosos episodios que en ella abundan. El exterminio de una raza inocente y sensible, dueña de un territorio independiente, regida por leyes y costumbres peculiares, puede ser un fenómeno necesario en el complicado desarrollo del progreso, pero constituirá siempre, para quienes aun conservamos huellas de esa sangre, el atentado más injusto que se puede cometer en nombre de la civilización.³⁸

Contradizendo o sentido da maioria dos demais discursos, Ramón Gómez Cuéllar, após associar os índios à civilização e os espanhóis à barbárie, num tom que lembrava as denúncias de Las Casas retomado pelos patriotas à época da Independência, concluiu referindo-se implicitamente ao inimigo maior daquele momento, os Estados Unidos, mas também à Espanha de um século atrás:

Ni una mancha de sangre ha servido de protesta contra los inicuos despojos de que hemos sido víctimas impotentes. Tal parece que hubieramos renegado de nuestro legendario valor (...) Renovemos hoy en esta hora solemne de la historia, ante el busto de aquel que dedicó la vida a la grandiosa causa de la libertad, ese juramento, ofreciendo todos nuestros esfuerzos y energías a destruir los restos que aun quedan en Colombia del servilismo de las épocas primitivas, y opongamos, como nuestros padres, gallardo y altivo continente a los usurpadores que intenten profanar el territorio de la patria³⁹.

Este foi um dos poucos discursos que levantou uma voz de repúdio tanto pela violação da soberania nacional pelos Estados Unidos em 1903, quanto pela presença ostensiva da Espanha na festa do Centenário, como se nada houvesse acontecido nas épocas de conquista,

³⁸Discurso de Ramón Gómez, orador oficial da Academia de Jurisprudência, *idem*. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, pp. 192-200.

³⁹*Ibidem*, p. 200.

colonização e reconquista; como se, a julgar pelos discursos, do Centenário, a Espanha, ao invés de um “teatro de sombras”, tivesse construído a partir do caos a civilização e o progresso. Outros oradores, em outras ocasiões, também criticaram veladamente a Espanha, ou pelo menos indicaram que a Independência fora uma guerra entre americanos e espanhóis.

As elites do Centenário sabiam disto, mas diante da ameaça comum, haviam decidido unir-se nos mesmos sentimentos em defesa da honra e soberania dos seus países. Valia a pena o esquecimento, como no caso de toda memória manipulada. Tratava-se de comemorar, como diria Mona Ozuf referendo-se às festas da revolução francesa, para escapar às angústias. Os discursos tinham, assim, que justificar a presença do antigo inimigo interno e externo. Agora, a presença do país colonialista e imperialista derrotado, justificava-se porque:

Ella con generosidad de madre amorosa, nos dio su sangre ilustre, sus conocimientos en las artes y en las ciencias; y el más precioso de todos los bienes, la religión cristiana.⁴⁰ (...) España descubrió esta tierra, la arrancó a sus antiguos poseedores, nos dio su sangre, y con ella el espíritu batallador, la religión, la lengua, la generosidad y la hidalguía.⁴¹

Estes valores eram agora considerados essenciais à unidade nacional, mas também à unidade continental. Se a classe dirigente do país considerava que a religião, a língua, a ‘raça ibérica’ e o progresso eram os elementos essenciais que podiam congregar uma nação e um continente, o latino-americano, sob os mesmos sentimentos pátrios, tinham que, antes de mais nada, justificar a origem destas categorias redentoras; e nessa justificativa, a Espanha tinha que ser redimida. Desses três elementos criadores de sentimentos pátrios – língua, religião e raça –, a religião era sem dúvida a mais indicada para incentivar não apenas o amor à pátria, porém o amor entre colombianos. Os apelos ao abandono dos ódios partidistas entrelaçavam-se com as invocações ao amor cristão, como no discurso proferido pelo presidente Ramón González Valencia na inauguração da Exposição Industrial e Agrícola a 23 de julho:

Olvidemos el pasado; arranquemos de nuestra vida la página envenenada del odio, y agrupémonos con cariño a la sombra de la augusta enseña de la patria, firmemente unidos por el sentimiento cristiano, lazo suave y amoroso para estrechar las voluntades, medicina inapreciable para curar las heridas del cuerpo social y estímulo nobilísimo en las conquistas del bien.⁴²

⁴⁰Discurso de Carlos Michelsen, presidente da Junta organizadora da Exposição Industrial e Agrícola, no ato de inauguração do evento a 23 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 210

⁴¹Discurso de Lorenzo Marroquín, membro da Comissão Nacional do Centenário, *idem*. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 214.

⁴²Discurso de Ramón González Valencia, presidente da Colômbia, na inauguração da Exposição Industrial e Agrícola. Bogotá, 23 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 212.

Nesta tentativa de reconciliação nacional, a festa não podia deixar de honrar Francisco de Paulo Santander, federalista e liberal, inimigo de Bolívar por suas tendências centralistas e conservadoras nos assuntos da Grande Colômbia. A 22 de julho, junto ao monumento erguido à memória de Santander, o orador Pedro Nel Ospina não omitiu o caráter sangrento da repressão espanhola, e sugeriu uma relação íntima entre Santander e Bogotá. Na reconquista espanhola do território do Novo Reino,

El Pacificador Morillo – a quien Santafé recibió espléndidamente – decapitó la revolución llevando al cadalso a la mayor parte de los granadinos ilustres que la representaban; fueron los Llanos orientales el asilo de los pocos soldados que quedaban a la causa de la Independencia.⁴³

Ao invés de invocar a Espanha na reconciliação nacional, Pedro Nel Ospina preferiu recorrer à trilogia, Deus, Pátria e Liberdade, expressando talvez o ponto de vista dos liberais radicais:

(Patria) por cuyo amor somos capaces de olvidar y de perdonar (...) cuyo seno sagrado está impregnado por nuestro afecto y nuestras lágrimas, por los muertos inolvidables que le hemos confiado; a tí, por quien es noble y dulce vivir y morir; a tí, amor supremo; a tí, ¡oh patria!, ¡oh madre!⁴⁴.

Os discursos comemorativos do I Centenário da Independência na América Latina nos permitem perceber o grau de medo sentido pelas elites latino-americanas, frente ao avanço estadunidense no começo do século XX, especialmente no caso das elites argentinas, chilenas e colombianas, como o exemplo aqui exposto. Nesse sentido, coincidindo com a derrota espanhola na guerra hispano-americana de 1898, o país ibérico aproveita a situação latino-americana para reconquistar o seu antigo território, desta vez por meio da cultura ibérica, conhecida também como “raça ibérica”. Religiosidade, língua castelhana, fidalguia, honra e um repertório de categorias que em seu conjunto faziam parte da civilização ibérica a ser espalhada pelo continente.

A situação foi usada para antepor ao inimigo comum, os Estados Unidos, uma cultura diferente à sua de caráter anglo-saxônica e protestante. Também como ponto de apoio frente ao pan-americanismo amplamente pregado pelo país do Norte nesse começo do século XX. Porém, por vários indícios aqui expostos no discurso das elites de Bogotá, podemos concluir também que a cultura ibérica, espanhola, ajudou concretizar um sentimento de civilização, tão anelada em momentos em que a nível da Europa e dos estados Unidos e América Latina era tida como o foco da barbárie.

O caminho para se sentirem parte do concerto das nações civilizadas foi a cultura ibérica ou

⁴³ Discurso de Pedro Nel Ospina, na homenagem a Francisco de Paula Santander. Bogotá, 22 de julho de 1910. In: *Primer Centenario de la Independencia de Colombia, 1810-1910, op. cit.*, p. 201-204.

⁴⁴ *Idem*, p. 204.

“raça ibérica”: religiosidade católica e língua espanhola, além de todos os componentes de uma civilização enraizada na época da conquista espanhola, da época colonial e do papel das instituições espanholas na luta pela Independência. Esses ingredientes reforçados e recriados no século XX ajudariam também a afugentar o perigo da invasão estrangeira vinda do Norte, mas igualmente da Europa.